

"Chega de ditadura econômica"

GERMANO DE OLIVEIRA

"Chega de ditadura econômica. Está na hora de o governo respeitar as leis de mercado e a livre iniciativa. Não vamos sair da crise em que nos encontramos com o Plano Bresser ou Cruzado III, mas sim com trabalho." Esse foi um dos principais trechos de um emocionado discurso feito, de improviso, por Wolfgang Sauer, presidente da Autolatina — holding que administra as operações da Volkswagen e Ford no Brasil e Argentina, a maior empresa privada do País, atualmente — durante o jantar de posse do novo presidente da Assobrav (Associação Brasileira dos Revendedores Volkswagen), Amauri Amorim, na noite de anteontem, no Clube Monte Líbano, em São Paulo.

Falando a centenas de empresários da distribuição de veículos Volkswagen e dezenas de deputados constituintes — entre eles o deputado baiano Ângelo Magalhães, irmão do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães —, Wolfgang Sauer fez questão de ressaltar que mais do que empresário, falava como cidadão brasileiro (ele nasceu na Alemanha, mas naturalizou-se brasileiro), afirmando que "se queremos democracia, todos temos o direito de falar: chega de ditadura econômica", sendo intensamente aplaudido.

Sauer iniciou seu discurso dizendo que o Brasil deveria seguir o exemplo do México — cuja situação é muito semelhante à brasileira — abrindo suas portas ao capital estrangeiro e desestatizando a economia. Depois de afirmar que esteve na semana passada no México, participando de um seminário sobre "Modernização Econômica e Mudança Estrutural no Mundo da Economia", promovido pelo governo mexicano, o presidente da Autolatina revelou ter ficado "muito impressionado" com as palavras ditas pelo presidente mexicano Miguel de La Madri, presente ao encontro. "Sempre considerei o México o país mais isolado e nacionalista da América Latina, mas depois de ouvir seu presidente mudei de idéia. O México está voltando à

economia de mercado e venderá quase todas as 186 empresas estatais (já vendeu 89), ficando apenas com os setores essenciais, como comunicações, energia, petróleo e infra-estrutura."

"Concordei também com o presidente do México quando ele disse que a América Latina precisa deixar o populismo de lado e definir seus rumos, ao invés de ficar discutindo a implantação, na região, de um socialismo sem plano ou de um capitalismo sem capital. O México vai abrir suas portas à livre iniciativa e o capital externo é fundamental", afirmou Sauer, que não conteve um desabafo: "Sempre falam que o capital estrangeiro é culpado de todos os males do País. O problema é que nós temos que agir como companhias da livre iniciativa. Não somos nenhuma estatal. Temos que pagar nossos funcionários com os nossos recursos".

DESENCANTO DO Povo

Para Wolfgang Sauer, "os atuais governantes precisam saber da responsabilidade que têm perante a sociedade. Se não voltar a confiança e a credibilidade na Nação, estamos perdidos". Aliás, no discurso que proferiu no México, Sauer já havia tocado no assunto: "O maior problema do Brasil atual está no desencanto do povo em relação a qualquer medida destinada a consertar a economia. Não há dúvida de que o pessimismo é um mal que deriva do próprio processo inflacionário, que corrói tudo, desde salários e capital, até valores éticos-morais e, em especial, a vontade e as ilusões".

No México, Sauer disse que a saída para o Brasil seria "facilitar a conversão de parte da dívida externa (de US\$ 110,6 bilhões) em investimentos de risco". Ele calcula ser possível a liquidação gradual de pelo menos a metade dos débitos brasileiros junto a credores privados, o que daria um valor aproximado de US\$ 40 bilhões.

"Esse montante corresponderia a aproximadamente uma vez e meia o estoque de investimentos estran-



Clóvis Cranchi Sobrinho - 03/10/86

Sauer: se não voltar a confiança, estaremos perdidos

geiros no Brasil. Esta solução para os credores sem dúvida é atraente, pois deixariam a desconfortável e passiva situação que os condena apenas a esperar os pagamentos, para tornar-se sócios e agentes ativos do desenvolvimento do País. Passada essa fase de acordo das contas externas, o Brasil precisa lançar-se às exportações, única saída de que dispõe para aliviar o ônus representado pela amortização dos juros e do principal da dívida", afirmou.

O desalento dos empresários

brasileiros presentes no Monte Líbano foi retratado também por Amauri Amorim, novo presidente da Associação Brasileira dos Revendedores Volkswagen (que lidera 800 empresas) em seu discurso de posse. "Estamos a um passo do colapso moral e a falta de confiança no País é um fato assustador. E o exemplo vem do governo. As estatais foram transformadas em sinecuras particulares." Para Amauri Amorim, a intervenção estatal na economia precisa acabar.

(ABC/Agência Estado)